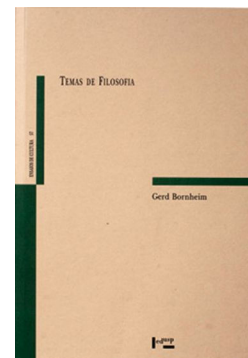


RESENHA

BORNHEIM, Gerd. **Temas de filosofia**. Col. Ensaios de cultura. n. 57. (Org.) Gaspar Paz. São Paulo: EdUSP, 2015. 304p.

Gerd Bornheim redivivo

ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS*



É com o título *Temas de filosofia* que se encima o mais novo livro de Gerd Alberto Bornheim (1929-2002), professor teuto-brasileiro responsável por relevantes páginas consagradas à filosofia de nosso país. Editada em 2015, a obra é póstuma e o título minimalista, quase burocrático, acaba dizendo pouco dos escritos ali enfiados. Originado de datiloscritos encontrados na biblioteca particular do filósofo após sua morte, o livro traz textos redigidos entre 1988-1997, entre os quais alguns são inteiramente inéditos e outros já publicados como capítulos em coletâneas ou na forma de adendos a obras de outros autores.¹ Se, diga-se a bem da verdade, o título é pálido, é com alegria que o leitor confere nas páginas, uma vez mais, a prosa filosófica elegante, perspicaz e erudita de Bornheim.

Assinado por Renato Janine Ribeiro, o *prefácio* traz o tom afetivo (o que é compreensível, a bem dizer inevitável, quando se conheceu Gerd pessoalmente). Mas não é só da pessoa do filósofo que trata este prólogo, apropriando um texto de conferência

proferida coincidentemente no 5 de setembro do desaparecimento do filósofo, também o pensamento bornheimiano é ali tracejado sob o título de: “A crítica inventando o novo: Apresentação a Gerd Bornheim” (p. 9-11).

Escrita pelo organizador Gaspar Paz, a *apresentação*, por sua vez, vem na forma de longo ensaio que apresenta, de modo circunstanciado, a “dupla pele” de Bornheim (seu comprometimento com a filosofia e sua ocupação com a crítica da expressão artística em suas formas literária, plástica e dramática); suas temáticas de pauta (a técnica, a ética, a filosofia sartriana e as interlocuções entre Marx e Heidegger) e, ainda, como o apresentador mesmo nomeou: “Notas sobre o percurso intelectual e pessoal de Gerd Bornheim” (p.22-24). O referido item oferece uma biografia intelectual do filósofo para as gerações recentes, que apenas conhecem o filósofo de referências bibliográficas. Nesse momento e no que se segue, sob o título de “Estudos na França, Inglaterra e Alemanha” (p.24-26), temos a indicação de seu interesse incipiente pelas ciências sociais, a confessa influência aristotélico-tomista de sua primeira formação e notícias de seus percursos formativos: permanência de estudos na Oxford University e na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg; estadas em Paris

¹ A obra traz, ao final, um índice da procedência dos textos. Mas, para que o leitor dessa resenha tenha ideia prévia do que se trata, exemplificamos os compêndios organizados por Adauto Novaes e o prefácio ao livro *Existência & liberdade*, de Paulo Perdigão.

com passagens pela Sorbonne (onde acompanhou os cursos de Maurice Merleau-Ponty, Gaston Bachelard, Jean Wahl, Vladimir Jankélévitch, Georges Gurvitch e dialogou com o filósofo independente e dramaturgo Gabriel Marcel). Também o “Despontar da produção bibliográfica” (p. 26-29) é registrado no texto de apresentação e um “Breve comentário sobre a recepção da obra de Bornheim no Brasil” (p. 29-32) história da recepção e repercussões deste pensamento. Após esses preâmbulos, o leitor perceberá que os escritos do filósofo se distribuem em cinco partes, nomeadas aqui a partir da primeira.

Em *A atualidade da filosofia moderna* (p.33-128), fica sublinhado o interesse de Bornheim pela Modernidade, ali, em capítulos como “O sujeito e a norma” (p. 35-50), analisa-se o estatuto da subjetividade moderna entre Descartes e Lutero; em “O bom selvagem como *philosophie* e a inversão do mundo sensível” (p. 51-69), o tema do *bon sauvage* – tantas vezes objeto de aula – torna à baila curiosamente, não pela via rousseauista, mas pelas mãos de Montaigne; após, o conceito hegeliano de desejo entra em questão no artigo: “Da superação à necessidade: o desejo em Hegel e Marx” (p.71-84).²

A parte II da obra, formada de textos curtos, chama-se *Temas nem tão atuais*. No interior dessa seção, deparamo-nos com: “Presença de Sartre” (p. 131-134); “Sartre, uma apresentação” (p. 135-140); “Heidegger revisitado” (p. 141-149) e “Crítica necessária” (p. 149-152). A respeito do nome dado a esse

² Embora outros dois textos componham essa primeira parte (“Racionalidade e acaso” e “A invenção do novo”), restringiremo-nos aqui ao recordar que Bornheim (embora seja pouco referenciado em bibliografias de pesquisas sobre Montaigne e Marx) possui contribuição nesse sentido na obra do autor.

segmento do livro, não podemos deixar de perguntar sobre até que ponto os referidos autores e seus respectivos temas seriam, afinal, “nem tão atuais”.³ Ora, se verdade que o segundo texto enumerado remonta a 1995, ocasião do livro de Paulo Perdigão (mencionado em nota acima) sobre aquele filósofo francês, também o terceiro escrito arrolado acima se mostra em toda sua relevância: espécie de resenha à primeira tradução brasileira de *Ser e tempo* de Heidegger (da década de 1980), tal escrito hoje se presta a útil contraponto às avaliações feitas a respeito da segunda tradução da mesma obra editada em 2012.

Assuntos gerais é o nome com o qual se chamou a parte III do livro. Nesta, constam o substancial ensaio “Prolegômenos ao estudo do positivismo brasileiro: verdade e ideologia” (p. 155-178) e os capítulos: “Os dois patamares” (p. 179-188); “Sobre o estatuto da razão” (p. 189-204) e “Metamorfoses do Olhar” (p. 205-210).⁴ Para o momento, tenhamos em nossa tela “Os dois patamares”, escrito no qual a verdade, tema caro ao nosso filósofo, é revisitado. Desenhando o amplo arco que nos leva da compreensão grega de verdade enquanto “desvelamento” (*alétheia*) até a ontologia fundamental de Heidegger, nosso filósofo confronta as compreensões metafísica e gnosiológica do referido conceito; num segundo

³ Talvez se tenha escolhido o título da seção considerando a data de tais escritos de Bornheim (critério que, se fosse rigorosamente observado, todos os textos da coletânea deveriam ser considerados inatuais, afinal, como dissemos, são datados entre 1988-1997).

⁴ Na impossibilidade de – no espaço restrito da presente *resenha informativa da edição* – acompanharmos de perto a linha argumentativa de todos os textos das seções do livro, a partir de agora, optamos por selecionar um escrito de cada parte para considerações mais pontuais.

momento (ou patamar), a verdade é pensada no domínio da filosofia prática para a qual Kant e Marx seriam, cada um a seu modo, figuras paradigmáticas.

Entre meados da década de 1990 e o início da de 2000 observou-se crescente literacia acerca da questão ambiental e, pelo que se vê no livro em apreço, Bornheim não ficou indiferente a isso, trazendo também um contributo ao tema. Tal afirmativa se legitima ao constatar-mos na quarta seção – *A questão ecológica* – a atenção do filósofo voltada a esse domínio temático. Nesta parte é possível apreciar textos como: “Filosofia e política ecológica” (p. 213-225); “Tecnologia e política” (p. 227-231); “Ecologia e revolução tecnológica” (p. 233-239) e, ao fim, “O homem e o desenvolvimento do planeta terra” (p. 241-242). Em “Ecologia e revolução tecnológica”, Bornheim traz uma contribuição *filosófica* ao tema (e não poderia ser outra!). Tratando o problema a luz do repertório filosófico da “técnica moderna”, o leitor certamente terá muito a lucrar com uma contextualização histórica da Revolução Industrial, indicações sobre as posições de Marx e dos seus herdeiros da Escola de Frankfurt, além de algo das ideias de Oswald Spengler.

Nomeada *Três tópicos particulares*, a quinta parte é integrada por escritos como: “O conceito de tradição” (p. 245-258); “O conceito de crise” (p. 259-280) e “Sobre a ideia de universidade” (p. 281-296). Os dois primeiros são especialmente reveladores capítulos dessa última seção, justamente por repensarem a significação dos conceitos de “tradição” e de “crise”.

No primeiro, o filósofo caracteriza a tradição indicando seu caráter de equivocidade fundamental e suas repercussões na forma de

movimentações intensas em coordenadas gerais. Por mais que nosso autor faça a usual apresentação do conceito de tradição com base na etimologia do termo latino *traditio*, seu texto certamente ganha em relevo ao longo de três passos expositivos. Inicialmente, considera a situação prévia da noção, nesta se indica que a tradição não existe sem seus momentos de ruptura e que, na contemporaneidade, não haveria mais uma ruptura apenas, mas que uma crise verdadeiramente se instaurara. No quadro desse colapso radical na tradição ocidental, também seu conceito se transformaria, desta maneira a ideia de tradição passaria naturalmente a comportar em si mesmo a crise. Ao fim, com Nietzsche, Bornheim indica que com a crise se evidencia a essência da tradição enquanto niilismo, este entendido como uma reatividade à metafísica e um ressentimento quanto à vontade em jogo no processo da história se legar.

No segundo texto, retoma-se o conceito de crise. Com este, no entanto, Bornheim não perfaz um caminho usual. Sem, *e.g.*, recorrer ao repertório da *Krisis* em Husserl, nosso filósofo parte de Spengler em direção a Ortega y Gasset. De modo muito geral, podemos indicar que Bornheim procura sustentar que a visão de mundo ocidental se tornou planetária e essa visão de totalidade passa a experimentar transformações radicais. Depois, o filósofo avalia que a crise da perspectiva ocidental é a crise da metafísica e, com a derrocada dela, impõe-se a descoberta de outras visões de mundo. O diálogo com “o outro” passaria a ser pré-requisito para uma resposta à crise.

Após darmos essas notas características do livro, é preciso reconhecer, *primeiro*,

o risco de se propor a organizar uma coletânea de um autor como Bornheim; *depois*, que do zelo do curador da edição deriva o mérito que a coletânea tem de evidenciar Bornheim não apenas como professor ou como mero comentador de filósofos ou de ideias da arte. O cuidado crítico e o trato técnico dispensado a esses textos joga nova luz sobre o legado de Bornheim, fazendo com que o autor, pela primeira vez, seja

tratado como propriamente filósofo. Registre-se, ao fim, que, editado como o número 57 da *Coleção Ensaios de Cultura*, sob o selo da EdUSP, *Temas de filosofia* apresenta-se no elegante padrão daquela editora universitária.

Recebido em 2017-01-18
Publicado em 2017-03-06



* **ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS** é professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); Doutor em Filosofia formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).